

*Nora Roberts*

*escrevendo como*

J.D.  
ROBB



*Inocência*

MORTAL



BERTRAND BRASIL

J. D. ROBB

SÉRIE MORTAL

*Nudez Mortal*

*Glória Mortal*

*Eternidade Mortal*

*Êxtase Mortal*

*Cerimônia Mortal*

*Vingança Mortal*

*Natal Mortal*

*Conspiração Mortal*

*Lealdade Mortal*

*Testemunha Mortal*

*Julgamento Mortal*

*Traição Mortal*

*Sedução Mortal*

*Reencontro Mortal*

*Pureza Mortal*

*Retrato Mortal*

*Imitação Mortal*

*Dilema Mortal*

*Visão Mortal*

*Sobrevivência Mortal*

*Origem Mortal*

*Recordação Mortal*

*Nascimento Mortal*

*Inocência Mortal*

*Nora Roberts*

escrevendo como

J. D. ROBB

INOCÊNCIA  
MORTAL

*Tradução*  
Renato Motta

**B**  
**BERTRAND BRASIL**

Rio de Janeiro | 2016

Título original: *Innocent in Death*

Capa: Leonardo Carvalho

Editoração da versão impresa: FA Studio

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2016

Produzido no Brasil

*Produced in Brazil*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R545i

Robb, J. D.

Inocência mortal [recurso eletrônico] / Robb, J. D (pseudônimo de Nora Roberts); tradução Renato Motta. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2016.

recurso digital (Mortal ; 24) Formato: epub

Tradução de: *Innocent in death*

Sequência de: nascimento mortal

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2112-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Roberts, Nora. II. Motta, Renato. III.

Título. IV. Série.

16-30081

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 2o. andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (0XX21) 2585-2070 — Fax: (0XX21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (0XX21) 2585-2002

# Sumário

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Epílogo

Um professor afeta a Eternidade;  
Ele nunca consegue descobrir onde a sua influência termina.

— *HENRY ADAMS* —

Tão inocente quanto um ovo que acabou de ser posto.

— *W. S. GILBERT* —

## CAPÍTULO UM

Provas-surpresa eram de matar. Como assassinos que ficam de tocaia, elas produziam medo ou ódio nas vítimas e essas provas davam uma inebriante sensação de poder no predador.

Craig Foster se preparava para o intervalo de almoço enquanto acabava de preparar o teste e já sabia quais seriam as reações dos seus alunos de História da quinta série. Gemidos e exclamações de protesto, caretas de sofrimento e pânico. Aos 26 anos, ele não estava muito distante do seu tempo de aluno e ainda se lembrava da dor e da ansiedade provocadas por momentos como aquele.

Pegou sua marmita térmica. Como seguia uma rotina rígida, sabia que sua mulher — puxa, era *supermag* estar casado! — lhe preparara um filé de frango empanado acompanhado por salgadinhos de soja, uma maçã e seu chocolate quente favorito.

Ele nunca lhe pedia para preparar seu almoço, nem para verificar se suas meias estavam limpas, dobradas em pares e guardadas no canto direito da gaveta de cima, mas ela dizia que adorava fazer essas coisas para ele. Aqueles sete meses desde que tinham se casado estavam sendo os melhores da sua vida. E antes sua vida também não fora ruim, decidiu.

Craig tinha um trabalho que adorava e no qual era muito bom, refletiu, com orgulho. Ele e Lissette tinham um apartamento razoável que ficava a uma curta caminhada da escola. Seus alunos eram brilhantes, interessados e gostavam dele, o que era um bônus.

Claro que iriam reclamar e suar frio diante da prova-surpresa, mas se sairiam bem.

Antes de comer, resolveu mandar uma mensagem para sua amada esposa:

*Oi, Lissy!*

*Que tal eu levar para casa hoje à noite um pouco de sopa e aquela salada que você adora?*

*Estou com saudades. Adoro cada centímetro do seu corpo!*

*Assinado: Você sabe quem.*

Riu ao imaginar o quanto essa mensagem a faria sorrir. Em seguida, voltou à preparação da prova. Analisou a tela do computador enquanto se servia da primeira caneca de chocolate quente e levava à

boca o frango empanado acompanhado pela soja prensada cortada fininha, com sabor de peito de peru.

Havia tanta coisa para ensinar e tanto a aprender! A história do país era rica, diversificada e dramática; cheia de tragédia, comédia, romance, heroísmo e covardia. Ele queria passar tudo aquilo para seus alunos, na tentativa de lhes mostrar o quanto o país e o mundo em que viviam tinha evoluído até o ponto onde estava nos primeiros meses do ano de 2060.

Comeu, acrescentou novas questões à prova e apagou outras. Bebeu com satisfação seu chocolate predileto enquanto apreciava a neve caindo suavemente do lado de fora da sala de aula.

Mal sabia que o tempo da sua vida se escoava lentamente, minuto a minuto, aproximando-se do fim.

• • •

Escolas lhe provocavam calafrios. Uma sensação difícil de admitir para si mesma quando uma mulher é uma tira dura e determinada. Mas essa era a pura verdade. A tenente Eve Dallas, possivelmente a melhor tira da Divisão de Homicídios da Polícia de Nova York, preferia invadir um prédio abandonado à caça de um viciado psicopata com a cabeça cheia de zeus a caminhar pelos corredores imaculados da Sarah Child Academy, uma escola de elite criada para a classe média alta da cidade.

Apesar das belas cores fortes nas paredes e pisos, e também dos vidros limpos e cintilantes das janelas, aquilo tudo para Eve não passava de uma simples masmorra de torturas.

Quase todas as portas ao longo do labirinto de corredores estavam abertas e as salas vazias, a não ser pelas carteiras, mesas, balcões, telas e quadros para as aulas.

Eve olhou para Arnette Mosebly, a diretora da escola, uma mulher com cerca de cinquenta anos, corpo forte, ar desafiador e uma silhueta escultural. Sua herança genética mista era certamente responsável por sua bela pele cor de creme de caramelo e olhos azuis-claros. Seu cabelo era preto brilhante e formava uma linda cascata de cachos estreitos. Vestia uma saia comprida preta e um paletó vermelho curto. Os saltos de seus sapatos marcantes faziam clique-clique no piso enquanto ambas caminhavam pelo corredor do segundo andar.

— Onde estão as crianças? — quis saber Eve.

— Mandei que fossem todas levadas para o auditório da escola até que os pais ou responsáveis pudessem vir pegá-las. Os funcionários também estão lá. Achei adequado e mais respeitoso suspender as aulas da tarde.

Parou a poucos passos de um policial fardado que guardava uma porta fechada.

— Tenente, isso está além da tragédia para nós e para as crianças. Craig... — A diretora apertou os lábios e olhou para longe por um instante. — Ele era um jovem brilhante e entusiasmado com seu trabalho. Tinha a vida toda pela frente e... — calou-se por alguns instantes e ergueu a mão, lutando para se acalmar. — Compreendo esse tipo de situação, isto é, ter a polícia por perto é rotina em casos assim. Mas espero que a senhora seja discreta e rápida, tanto quanto for possível. Espero também que seja viável liberar o corpo só depois de os alunos deixarem a escola.

Empinou os ombros para trás e completou:

— Não sei como é possível um rapaz jovem passar tão mal a ponto de morrer. Por que ele veio trabalhar se não estava se sentindo bem? Sua esposa... Eles se casaram há poucos meses... Eu ainda não entrei em contato com ela. Não tinha certeza se deveria e...

— É melhor deixar tudo por nossa conta. Agora, se puder nos deixar por alguns momentos...

— Sim. Sim, é claro.

— Ligar filmadora, Peabody — ordenou Eve à sua parceira, ao mesmo tempo em que acenava com a cabeça para o guarda, que deu um passo para o lado.

Eve abriu a porta e ficou parada. Era uma mulher alta e esbelta com cabelo castanho picotado nas pontas, e seus olhos igualmente castanhos analisaram a cena com atenção e objetividade. Seus movimentos eram suaves quando pegou uma lata de *Seal-It* no kit de serviço e usou o spray selante para cobrir as mãos e as botas.

Em quase doze anos na força policial de Nova York, a tenente já vira imagens muito piores que a do pobre professor de História esparramado no chão em meio a poças de vômito e fezes.

Eve conferiu a hora do chamado e da chegada da polícia.

— Os paramédicos responderam ao chamado às quatorze e dezesseis; declararam a vítima morta às quatorze e dezenove. O processo de identificação confirmou seu nome: Craig Foster.

— Foi sorte nossa o chamado ter sido atendido por dois paramédicos que sabiam que o corpo não deveria ser movimentado — comentou Peabody. — Pobre coitado.

— Ele estava almoçando na mesa de trabalho? Um lugar como este provavelmente tem uma sala de professores, uma cantina, sei lá... — Ainda no portal, Eve virou a cabeça de lado. — Ele desabou em cima da marmitta e da garrafa térmica, e caiu da cadeira.

— Parece que teve uma convulsão, e não uma queda. — Peabody circulou pelos cantos da sala, e suas botas com amortecedor a ar guincharam de leve. Verificou as janelas. — Trancadas. — Virou-se de frente para o morto a fim de avaliar a mesa e o corpo por outro ângulo.

Apesar de ter um corpo forte como o de Arnette Mosebly, Peabody não era escultural. Seu cabelo escuro estava com um novo penteado; crescera até um pouco abaixo da nuca e as pontas estavam viradas para fora de um jeito jovial que Eve ainda precisava aceitar.

— Trabalhava durante o almoço — informou a parceira de Eve. — Preparava aulas ou corrigia provas. Pode ter tido uma reação alérgica a algo que comeu.

— É... Pode ser. — Eve foi até o corpo e se agachou. Mais tarde ela recolheria as digitais, faria a medição exata da hora da morte e seguiria todos os procedimentos. No momento, porém, queria apenas analisar o morto.

Muitos vasos rompidos formavam uma teia vermelha na parte branca dos olhos da vítima. Havia uma substância espumosa e vestígios de vômito nos cantos dos lábios.

— Ele tentou se arrastar depois de passar mal — murmurou. — Planejava engatinhar até a porta. Faça a identificação oficial e confirme a hora da morte, Peabody.

Erguendo a cabeça, Eve examinou atentamente o material que Craig tinha vomitado e recolheu o copo térmico, onde viu o nome do morto gravado em prata sobre o fundo preto. Cheirou o material.

— Você acha que alguém pode tê-lo envenenado? — quis saber Peabody.

— Aqui tinha chocolate quente... E mais alguma coisa. — Eve guardou o copo num saco plástico para evidências. — A cor do vômito indica que houve convulsões e muita dor. Sim, desconfio que foi envenenamento. O legista poderá confirmar isso. Precisamos ter acesso aos registros médicos dele junto ao parente mais próximo. Trabalhe aqui na cena. Vou tornar a conversar com Mosebly e chamar as testemunhas.

Eve saiu da sala. Arnette Mosebly andava no corredor de um lado para outro com um tablet na mão.

— Diretora Mosebly! Peço que a senhora não entre em contato, não converse nem deixe recado para ninguém, por enquanto.

— Oh... Na verdade eu estava só... — Virou o tablet, e Eve viu a tela — jogando paciência. Algo para ocupar um pouco a mente. Tenente, estou preocupada com Lissette, esposa de Craig. Ela precisa ser avisada.

— E será. No momento eu preciso conversar com você em particular. Terei de interrogar as alunas que encontraram o corpo.

— Rayleen Straffo e Melodie Branch. Um dos guardas que atenderam ao chamado me avisou que elas não poderiam sair do prédio e precisavam ficar isoladas dos colegas. — Seus lábios se afinaram em sinal de óbvia desaprovação. — Essas meninas estão traumatizadas, tenente. Ficaram histéricas, como seria de esperar, diante das circunstâncias. Mandei Rayleen conversar com a terapeuta da escola, e Melodie está com a enfermeira. A essa altura seus pais já devem ter chegado.

— Você avisou os pais?

— A senhora tem seus procedimentos policiais a seguir, tenente, e eu tenho os meus. — Exibiu um daqueles olhares de superioridade que deviam ser exigidos na primeira aula de treinamento para diretoras. — Minha maior prioridade é a saúde e a segurança de meus alunos. Essas meninas têm só dez anos e deram de cara com *aquilo* — acenou com a cabeça para a porta. — Só Deus sabe o dano emocional que aquele momento provocou nelas.

— Craig Foster também não me parece nada bem.

— Tenho de fazer tudo que for preciso para proteger meus alunos. Minha escola...

— No momento esse espaço não é a *sua* escola. É a cena de um crime.

— Crime? — A cor desapareceu por completo do rosto de Arnette. — Como assim? Que crime?

— É isso que eu vou descobrir. Quero que as testemunhas me sejam trazidas uma de cada vez. Sua sala provavelmente é o melhor local para o interrogatório, diretora. Será permitida a presença de apenas um dos pais ou responsáveis durante a entrevista.

— Muito bem, então. Venha comigo.

— Guarda! — chamou Eve, olhando por sobre o ombro. — Avise a detetive Peabody que estou na

sala da diretora.

A boca do policial exibiu um sorriso quase imperceptível.

— Sim, senhora.

Eve descobriu que era uma sensação completamente diferente assumir o lugar do chefe em vez de sentar na cadeira dos alunos em apuros. Não que ela tivesse passado por muitos problemas disciplinares nos tempos de escola, lembrou a si mesma. Na maior parte do tempo Eve tentara parecer invisível, passar despercebida e escapar incólume da prisão educacional até o dia da maioridade, quando poderia sair dali para cuidar da própria vida.

Mas nem sempre conseguira isso. Uma língua ferina e sua atitude de enfrentamento tinham atrapalhado algumas vezes, o que resultara em visitas à cadeira dos alunos em apuros.

Devia ser grata ao Estado por lhe prover as necessidades básicas, fornecer abrigo, educação e um lugar com comida adequada para mantê-la viva. Devia ser grata por ter recebido roupas para protegê-la do frio, mesmo sabendo que elas já tinham sido usadas por outras pessoas. Devia querer melhorar a cada dia, mas isso era duro porque ela nem se lembrava com clareza de onde viera, para início de conversa.

O que ela recordava com mais precisão dessa época eram as censuras presunçosas que recebia e os olhares de desaprovação que não conseguiam encobrir o ar de superioridade de quem os exibia.

Sem falar no tédio infundável, terminal e generalizado que sentia.

É claro que para Eve não existiam escolas sofisticadas, particulares e caras, com equipamentos educacionais de última geração, salas de aula reluzentes de tão limpas, uniformes estilosos e a relação de um professor para cada seis alunos.

Por outro lado, seria capaz de apostar um mês de salário que a Sarah Child Academy não tinha de lidar com trocas de socos nos corredores nem bombas caseiras nos vestiários.

Mas naquele dia era obrigada a lidar com assassinato.

Enquanto aguardava na sala da diretora Mosebly, com suas refinadas plantas e elegantes bules de chá, Eve fez uma verificação rápida nos dados da vítima.

Craig Foster, vinte e seis anos. Sem ficha criminal. Pais ainda vivos e casados. Moram em Nova Jersey, onde Craig nasceu e foi criado. Ele frequentara a Universidade de Columbia depois de receber uma bolsa parcial de estudos, conseguira seu diploma de professor e preparava sua tese de mestrado em História.

Tinha se casado com Lissette Bolviar em julho do ano anterior.

Parecia muito jovem e ansioso pela vida na foto da identidade, refletiu Eve. Um rapaz muito bonito com pele clara, cor de castanhas cozidas. Olhos profundos e escuros e cabelo preto cortado em estilo que Eve conhecia como *high-top*, raspado nas laterais da cabeça e na nuca, escovado para cima no alto da testa.

Os sapatos também eram estilosos, lembrou. Modelo preto e prata com sola de gel e cano alto. Muito caros. Sua jaqueta, no entanto, era num tom de terra e muito gasta nos punhos. Usava um relógio que

parecia ser de qualidade, mas Eve desconfiou que fosse falso. Tinha uma reluzente aliança de ouro no terceiro dedo da mão esquerda.

Quando Peabody completasse os trabalhos na cena do crime, provavelmente saberia que havia menos de cinquenta fichas de crédito nos bolsos de Craig.

Fez algumas anotações.

*De onde o chocolate viera?*

*Quem teve acesso à garrafa térmica?*

*Alguém mais usava aquela sala de aula?*

*Linha do tempo. Últimos a ver a vítima com vida e os primeiros a encontrar o corpo.*

*Seguro de vida? Quem lucraria com a sua morte? Beneficiários?*

Ergueu os olhos quando a porta se abriu.

— Tenente? — Mosebly entrou com uma das mãos sobre o ombro de uma menina com a pele branca como leite e pintada com sardas que combinavam com o cabelo ruivo alaranjado. O cabelo era comprido, fora escovado para trás e exibia um elegante rabo de cavalo.

A menina parecia frágil e abalada em seu casaco azul-marinho e calça cáqui impecável.

— Melodie, esta é a tenente Dallas, da polícia. Ela precisa conversar com você. Tenente Dallas, esta é a mãe de Melodie, Angela Miles-Branch.

A menina herdara o cabelo e a pele da mãe, notou Eve, e a mamãe parecia igualmente abalada.

— Tenente, será que essa conversa não poderia esperar até amanhã? Eu gostaria de levar Melodie para casa. — Angela segurava com força a mão da menina. — Minha filha não está se sentindo bem, o que é compreensível.

— Será mais fácil para todos se continuarmos. Não vai levar muito tempo. Diretora Mosebly, poderia nos dar licença, por favor?

— Creio que eu deveria ficar aqui como representante da escola e responsável por Melodie.

— Um representante da escola não é necessário no momento. A mãe da menor está presente e se responsabilizará por ela. A senhora precisa se retirar.

Houve um lampejo de protesto nos olhos de Mosebly, mas ela apertou o maxilar com força e saiu da sala.

— Por que não se senta um pouco, Melodie?

Duas lágrimas pesadas escorreram lentamente, uma de cada olho.

— Sim, senhora. Mamãe?

— Estou bem aqui, querida. — Mantendo a mão da filha presa à sua, Angela se sentou ao lado da menina. — Isso está sendo terrível para ela.

— Entendo. Melodie, vou gravar nossa conversa.

Com o aceno de cabeça desceram mais duas lágrimas. Nesse momento, Eve perguntou a si mesma por

que diabos não tinha ficado com a cena do crime e deixado as crianças por conta de Peabody.

— Por que não me conta simplesmente o que aconteceu?

— Nós entramos na sala do sr. Foster... Ahn, Rayleen e eu. Batemos na porta, que estava fechada. O sr. Foster não se incomoda de receber alunos que precisam falar com ele.

— E vocês precisavam falar com o sr. Foster?

— Era sobre o projeto. Ray e eu temos um trabalho em dupla. Estamos preparando um relatório multimídia sobre a Declaração dos Direitos. É nosso maior projeto para o segundo semestre. Vale vinte e cinco por cento da nota final. Queríamos que o professor analisasse o rascunho. Ele não se incomoda quando fazemos perguntas durante a aula ou depois dela.

— Muito bem. Onde vocês estavam antes de procurar o sr. Foster na sala?

— Eu almocei e fui para o grupo de estudo. Mas Ray e eu tivemos permissão da sra. Hallywell para sair do grupo de estudo alguns minutos antes para falar com o sr. Foster. Tenho o passe de liberação.

Ela tateou para pegar o papel no bolso.

— Tudo bem, não precisa mostrar. Vocês entraram na sala?

— Íamos entrar. Estávamos conversando e abrimos a porta. O cheiro era terrível. Eu reagi e disse algo como “Caramba, está fedendo muito aqui!” As lágrimas voltaram. — Sinto muito por ter dito isso, mas é que...

— Tudo bem. O que aconteceu nesse momento?

— Eu o vi. Ele estava no chão e havia... Minha nossa, um monte de vômito e outras coisas. Ray gritou. Ou eu gritei. Acho que nós duas gritamos. Fugimos dali na mesma hora, o sr. Dawson veio correndo pelo corredor e nos perguntou qual era o problema. Ele nos disse para ficarmos ali e foi até a sala. Entrou lá. Eu vi quando ele entrou. Mas saiu logo depois com a mão assim. — Tapou a boca com a mão livre. — Usou o comunicador, eu acho, para chamar a diretora Mosebly. Ela chegou depressa e chamou ajuda. Logo veio a enfermeira Brennan, que nos levou para a enfermaria. Ficou lá conosco até que o sr. Kolfax apareceu e levou Ray com ele. Eu fiquei com a enfermeira Brennan até minha mãe chegar.

— Você viu mais alguém entrar na sala do sr. Foster ou sair de lá?

— Não, senhora.

— Quando saiu do seu grupo de estudo para a sala de aula, você viu alguém?

— Ahn... Desculpe... Ahn... O sr. Bixley saiu do banheiro dos meninos e também passamos pelo sr. Dawson no caminho. Mostramos o nosso passe para ele e acho que isso foi tudo, mas não estava prestando muita atenção.

— Como é que você sabia que o sr. Foster estaria na sala de aula?

— Ah, ele sempre fica na sala às segundas-feiras antes do quinto tempo e almoça por lá mesmo. Nos últimos quinze minutos do intervalo é que permite que os alunos entrem para conversar com ele, quando é preciso. Mesmo antes disso não se incomoda de nos receber, se for muito importante. Ele é muito legal. Mamãe!

— Eu sei, querida. Tenente, por favor.

— Estamos quase acabando. Melodie, você ou Rayleen tocaram no sr. Foster ou em alguma coisa na sala de aula?

— Oh, não senhora. Simplesmente fugimos. Foi horrível e saímos correndo dali.

— Muito bem. Melodie. Caso você se lembre de mais alguma coisa, qualquer detalhe, por mínimo que seja, preciso que me conte.

A menina se levantou.

— Tenente Dallas? Senhora...?

— Pode falar.

— Rayleen disse que... Quando estávamos na enfermaria, Rayleen me disse que eles iriam levar o sr. Foster embora dali dentro de um saco preto grande. É verdade? Vocês precisam fazer isso?

— Oh, Melodie. — Angela virou a filha para si e a abraçou com força.

— Vamos tomar conta do sr. Foster agora — disse Eve. — Meu trabalho é cuidar dele e farei isso. Essa sua conversa comigo me ajudará a realizar meu trabalho, me ajudará a cuidar melhor dele.

— Sério? — Melodie fungou com força e suspirou. — Obrigada. Quero ir embora agora. Podemos ir para casa?

Eve olhou fixamente para os olhos marejados da menina e concordou com a cabeça. Depois olhou para a mãe e avisou:

— Vamos permanecer em contato. Obrigado por sua cooperação.

— Isso foi muito duro para as meninas. Muito difícil. Venha, querida, vamos para casa.

Angela envolveu o ombro de Melodie com o braço e a encaminhou para fora da sala. Eve se afastou da mesa e as acompanhou até a porta. Mosebly vinha pelo corredor na direção delas.

— Diretora Mosebly? Uma pergunta, por favor.

— Claro, vou só levar a sra. Miles-Branch e Melodie até lá fora.

— Tenho certeza de que elas conhecem o caminho. Venha até sua sala.

Eve não se deu ao trabalho de sentar na cadeira dessa vez, simplesmente se recostou na mesa. Mosebly entrou na sala quase soltando fumaça pelo nariz, os punhos cerrados dos dois lados do corpo.

— Tenente Dallas, embora eu compreenda perfeitamente que a senhora tem um trabalho a realizar, estou indignada com sua atitude indiferente e arrogante.

— Sim, já deu para perceber. O sr. Foster tinha o hábito de trazer o próprio almoço e a bebida para o trabalho?

— Eu... Acredito que sim. Isso acontecia em vários dias da semana. Temos uma cantina administrada por uma nutricionista, é claro. Vendemos produtos aprovados pela secretaria de educação. Mesmo assim, muitos funcionários da escola e membros do corpo docente preferem trazer de casa as próprias refeições, de vez em quando.

— Ele geralmente comia sozinho? Em sua mesa?

Mosebly passou o polegar e o indicador na testa.

— Pelo que eu sei, ele trazia almoço e comia na sala duas ou três vezes por semana. O trabalho de um professor abrange mais do que pode ser conseguido nas horas de trabalho na escola. Há aulas para preparar, provas e deveres para corrigir, leituras, palestras para assistir e preparações de laboratório. Craig, como muitos professores da escola, também continuava a estudar e se preparava para fazer o mestrado; isso exige escrever, compilar textos e fazer coisas desse tipo. Ele almoçava na mesa para poder continuar trabalhando enquanto comia. Era muito dedicado.

A raiva pareceu diminuir um pouco e ela continuou:

— Era jovem e idealista. Adorava ensinar, tenente Dallas, era bem visível.

— Ele já teve problemas com algum dos funcionários?

— Não que eu saiba. Era um jovem amigável, de boa índole. Creio que, tanto em nível pessoal quanto profissional, tínhamos muita sorte por contar com ele em nosso quadro.

— Você despediu alguém recentemente?

— Não. Temos pouquíssima rotatividade de funcionários aqui na Sarah Child. Craig já estava em seu segundo ano conosco. Veio para o lugar de um dos professores que se aposentou depois de cinquenta anos de serviço. Vinte e oito desses anos foram passados aqui na Sarah Child.

— E quanto a você, diretora? Há quanto tempo trabalha aqui?

— Três anos só como diretora. Trabalho há vinte e cinco anos na área de educação e administração.

— Quando foi a última vez em que viu o sr. Foster com vida?

— Eu o encontrei rapidamente hoje de manhã. — Enquanto falava, Mosebly foi até uma pequena unidade de refrigeração e pegou uma garrafa de água. — Ele chegou mais cedo para usar a academia de ginástica da escola, como fazia habitualmente. Todos os funcionários podem usar as máquinas, os programas, a piscina e tudo mais. Craig usufruía das instalações quase todas as manhãs.

Suspirou longamente enquanto servia água num copo baixo.

— Aceita um pouco, tenente?

— Não, obrigada.

— Eu mesma nadei um pouco esta manhã e já estava saindo da piscina quando ele chegou. Nós nos cumprimentamos, eu reclamei do engarrafamento e coisas do gênero. Estava com pressa. Ouvi quando ele deu um mergulho — murmurou ela, e tomou lentamente um gole de água. — Ouvi o barulho que ele fez ao cair na piscina no instante em que abri a porta do meu armário. Oh, meu Deus!

— A que horas foi isso?

— Mais ou menos sete e meia. Eu tinha uma videoconferência marcada para as oito e estava atrasada, pois tinha passado tempo demais na piscina. Isso me deixou chateada e eu mal conversei com Craig.

— Onde ele guardava o almoço que trazia?

— Ora... Na sua sala, suponho. É possível que guardasse sua marmita na sala dos professores, mas não me recordo de tê-lo visto alguma vez colocando ou pegando alguma coisa na unidade de refrigeração

ou no armário de lá.

— A sala ficava trancada?

— Não. A escola é bem protegida, é claro, mas as salas de aula não são trancadas. Não existe motivo para tal, e o programa da Sarah Child é baseado na confiança e na responsabilidade.

— Muito obrigada. Por favor, mande entrar a segunda testemunha, Rayleen Straffo.

Mosebly assentiu, mas não havia o ar de indulgência dessa vez.

— E quanto aos outros alunos e aos meus funcionários?

— Precisamos falar com todos os funcionários antes de algum deles sair da escola. Você pode dispensar os alunos, mas preciso da lista de presença de hoje.

— Está ótimo.

Quando se viu sozinha, Eve pegou o comunicador e ligou para Peabody.

— Status?

— O corpo acaba de ser removido. O legista concorda com sua avaliação de possível envenenamento, mas não terá certeza até a vítima estar sobre a mesa de autópsia. Os peritos estão trabalhando na cena. Parece que a vítima trabalhava em seu computador no instante da morte. Preparava uma prova-surpresa para a aula seguinte.

— Já encontramos o motivo do crime, então — disse Eve, secamente.

— Detesto provas-surpresa e sempre questiono a legalidade disso. Fiz uma busca rápida no computador e descobri que a vítima enviou um e-mail para lfoster@blackburnpub.com ao meio-dia e seis minutos de hoje. Não houve nenhuma ligação antes nem depois desse momento.

— O nome da esposa é Lissette. O que dizia o e-mail?

— Só um recado romântico em que ele se oferecia para levar jantar na volta para casa. Ela respondeu no mesmo tom, aceitando a oferta, às quatorze e quarenta e oito, mas a resposta não foi lida.

— Ok. Estou aguardando a segunda testemunha. Vou mandar a diretora procurá-la. Peça para ela instalar você em algum lugar, comece a interrogar os funcionários e tente estabelecer uma linha de tempo para cada um. Vou para lá assim que acabar de falar com a outra menina. Nesse meio-tempo, verifique o endereço da esposa e seu local de trabalho. Vamos dar a notícia a ela assim que sairmos daqui.

— A alegria nunca termina.

Eve desligou no instante em que a porta tornou a se abrir. Mais uma vez, Mosebly entrou com a mão sobre o ombro de uma menininha.

Essa era loura, com uma cascata de cachos colocados para trás da cabeça e longe do rosto por um lenço violeta. A cor do lenço combinava com seus olhos, que estavam muito inchados, avermelhados, e dominavam um rosto de pele suave e nariz levemente arrebitado. A boca, rosada e com lábios grandes, tremia.

Usava um uniforme idêntico ao de Melodie, mas trazia uma estrelinha de ouro presa na lapela do blazer.

— Rayleen, essa é a tenente Dallas. Tenente, Rayleen está aqui com o seu pai, Oliver Straffo. Estarei aqui fora, caso precisem de alguma coisa.

— Sente-se, Rayleen.

— Olá, tenente — Oliver manteve a mão na da filha. Sua voz pareceu ressoar na sala, como a de um bom ator em um grande teatro. Era alto e louro como a filha. Seus olhos, porém, tinham o tom cinzento e frio do aço. Ele e Eve já se conheciam. Do tribunal.

Ele era um poderoso, caro e conceituado advogado de defesa, lembrou Eve.

Merda!

## CAPÍTULO DOIS

— Concordei com esta entrevista aqui e agora, tenente — começou ele —, porque senti que era o melhor para a preservação do bem-estar emocional da minha filha. Entretanto, caso eu não goste do tom ou do rumo da conversa, vou interromper tudo e levar minha filha embora. Fui claro?

— Claríssimo. Eu ia pegar meus instrumentos de tortura, mas não sei onde eu os deixei. Sente-se. Rayleen, preciso apenas que você me conte o que aconteceu.

Rayleen olhou para o pai e viu o seu sinal de concordância. Só então se sentou, imitando a admirável postura do pai.

— Eu encontrei o sr. Foster. Melodie estava comigo. Foi horrível.

— Por favor, me explique como vocês o encontraram. Conte o porquê de terem ido à sala dele a essa hora do dia.

— Sim, senhora. — Ela respirou fundo, como se preparasse para fazer um relatório oral. — Eu estava no meu grupo de estudo, mas queria muito falar com o sr. Foster sobre o projeto no qual eu e Melodie estamos trabalhando. Ele vale um quarto da nota do segundo semestre de História Americana, e eu queria fazer o melhor possível. Sou a primeira colocada na minha turma e esse é um dos projetos mais importantes do semestre.

— Ok, então você saiu do grupo de estudo e foi para a sala do sr. Foster.

— Sim, senhora. A sra. Hallywell nos deu um passe, para podermos ir para a aula do sr. Foster mais cedo. Ele sempre almoça lá às segundas-feiras, mas deixa que os alunos entrem nos últimos quinze minutos do intervalo para falar com ele, caso precisem.

— A que horas você saiu do grupo de estudo?

— O horário exato está marcado no passe. — Mais uma vez ela olhou para o pai em busca de permissão e pegou o passe. — Melodie também tem um igualzinho. São as regras da escola. Aqui diz que era meio-dia e quarenta e sete.

Eve fez uma anotação mental para refazer o caminho e ver o tempo que iria levar.

— Vocês foram direto do grupo de estudo para a sala de aula?

— Fomos sim, senhora. Vaguear pelos corredores entre as aulas é uma infração grave. Três infrações num período de trinta dias resultam na perda de muitos privilégios. — A voz da menina exibiu um toque de vaidade, fazendo Eve se lembrar de que Rayleen era o tipo de criança que ela costumava evitar a todo custo no pavilhão da escola — Eu não tenho uma única infração no meu histórico.

— Que bom para você! Quanto tempo levou para vocês duas irem do grupo de estudos até a sala onde estava o sr. Foster?

— Ahn... Não pode ter sido mais que alguns minutos. Três, talvez? Não tenho certeza absoluta, mas fomos direto para lá. Estávamos conversando sobre o trabalho e algumas ideias para o projeto. A porta estava fechada, nós batemos antes e depois abrimos. O cheiro era horrível! Vômito, eu acho. Melodie comentou algo sobre o cheiro e... — A menina apertou os lábios. — Eu ri. Sinto muito. Eu não sabia, papai, eu não sabia!

— Está tudo bem, Ray. É claro que você não sabia.

— Foi então que nós o vimos. Ele estava caído ali e parecia... — A menina soluçou duas vezes e simplesmente saiu da cadeira para se sentar no colo do pai.

— Está tudo bem, meu amor. Tudo bem, Ray. — Os olhos dele pareceram dois raios laser ao olhar para Eve enquanto acariciava o cabelo de Rayleen. — Tenente...

— O senhor sabe que preciso terminar isso. Sabe que é vital conseguir os detalhes o mais depressa possível.

— Não sei mais nada. — A voz da menina saiu abafada quando apertou o rosto contra o peito do pai. — Fugimos dali, saímos correndo. O sr. Dawson estava lá e mandou que ficássemos onde estávamos. Eu me sentei no chão, acho, e nós duas continuávamos chorando quando o sr. Dawson voltou. As mãos dele tremiam quando ele pegou o comunicador para chamar a diretora Mosebly.

— Você viu mais alguém entrar ou sair da sala?

— A diretora Mosebly foi até a porta, chamou a enfermeira e elas nos levaram para a enfermaria, Melodie e eu.

— A caminho da sala vocês viram alguém?

— Vimos, sim. Acho que o sr. Bixley saiu do banheiro dos meninos. Trazia a caixa de ferramentas na mão porque uma das pias estava entupida. Isso foi antes de passarmos pelo sr. Dawson para mostrar nossos passes. Eu entrei logo na sala. Fui a primeira a vê-lo.

Ela ergueu o rosto coberto de lágrimas.

— Não sei como é possível que o sr. Foster esteja morto. Não entendo como! Ele era meu professor favorito.

Os ombros dela sacudiram muito e ela abraçou o pai mais uma vez.

— A senhora não pode precisar de mais nada dela — disse Oliver, baixinho. — Vou levá-la para casa.

— No caso de ela se lembrar de mais alguma coisa...

— Se isso acontecer eu entrarei em contato com a senhora, tenente.

Ele se levantou e saiu da sala depressa, levando a filha.

Eve falou com Eric Dawson em seguida. Era um professor de Ciências com cinquenta e poucos anos que dava aulas na Sarah Child Academy há quinze anos. Tinha uma bela barriga de chope, e como os botões da camisa quase pulavam para fora, Eve percebeu que ele estava em negação com o fato. Seu cabelo cor de areia exibia fios prateados nas têmporas. Olheiras de fadiga pendiam sob seus olhos castanho-claros.

— Eu não fui até onde ele estava — contou a Eve. — Entrei e dei só um ou dois passos, pois percebi que... Qualquer um poderia ver que Craig se fora. Pouco antes eu tinha ficado irritado com a gritaria das meninas. Imaginei que tivessem visto uma aranha ou algo igualmente tolo. — Parou de falar e passou a mão no rosto. — Assim que coloquei os olhos nelas, porém... Nem mesmo meninas tolas reagem com aquele nível de histeria diante de uma aranha.

— O senhor viu mais alguém além das meninas?

— Tinha acabado de deixar Dave Kolfax e Reed Williams na sala dos professores. Tínhamos almoçado juntos, como fazemos às vezes. E passei por Leanne Howard, que chegava na escola. Eu ia ao laboratório de química para preparar a próxima aula.

— Qual foi o último momento em que você viu o sr. Foster vivo?

— Oh, Deus, meu Deus! Foi na sala dos professores, antes da primeira aula. Eu tomava café e ele pegou uma lata de Pepsi na máquina automática. Craig não tomava café. Eu costumava brincar com ele a respeito disso. Conversamos um pouco sobre Bradley Curtis, um aluno nosso. Os pais dele estão se divorciando e as notas de Brad começaram a despencar. Concordamos que estava na hora de um encontro com os pais e o terapeuta da escola. Foi então que... Ahn... Reed entrou. Sim, para pegar café. Quando eu saí, eles estavam conversando sobre um filme de ação que ambos viram recentemente. Não vi mais Craig até...

— Como era o relacionamento entre vocês?

— Eu e Craig? Ótimo, eu gostava muito dele. Muito mesmo — repetiu, baixinho. — Mas não desde o início. Eu não me convenci muito de sua competência quando ele veio trabalhar conosco, um ano atrás. Era muito jovem, o mais novo em toda a equipe de professores. Mas ele compensava a pouca experiência com entusiasmo e dedicação. Costumava se importar muito com os alunos, de verdade. Ele devia estar muito doente sem saber. A única explicação é algum tipo de problema de saúde para morrer daquele jeito. É inconcebível.

O mesmo sentimento foi replicado por todos os membros da equipe com quem Eve conversou. Terminou a lista conversando com Reed Williams, do departamento de Inglês.

Esse não tinha barriginha de chope, reparou Eve. Exibia um físico bem-cuidado, era magro e forte; provavelmente costumava aproveitar bem os equipamentos na academia da escola. Seu cabelo era castanho forte com pontas douradas para simular o efeito do sol. O queixo quadrado parecia talhado em pedra, tinha uma covinha pronunciada e ficava sob uma boca firme. Seus olhos aguçados em tom de verde

garrafa tinham cílios muito longos e pretos.

Trinta e oito anos, solteiro, vestia um terno que Eve imaginou que tinha custado uma bela parcela do seu salário mensal.

— Eu o vi hoje de manhã no salão de ginástica. Fazia alongamentos quando eu entrei. Como não gosto de conversar quando estou malhando, simplesmente acenei. Creio que ficamos nos exercitando juntos por cerca de vinte minutos. Quando ele saiu, acenou para mim. Geralmente dá algumas braçadas na piscina depois de malhar. Eu fiquei nos aparelhos mais uns dez minutos, acho. Tomei uma ducha e me vesti. Depois, tornei a ver Craig na sala dos professores com Eric. Eric Dawson.

— O sr. Foster estava tomando alguma coisa em companhia dele?

— Com Eric? Não, só uma lata de Pepsi. Conversamos sobre filmes por alguns minutos e depois saímos para dar aulas. Tornei a vê-lo mais uma vez no banheiro dos funcionários. — Sorriu de leve e mostrou uma covinha na bochecha esquerda que combinava muito bem com a do queixo. — Foi um encontro do tipo “E aí, tudo bem?” enquanto usávamos o banheiro. Creio que eram quase onze da manhã. Um pouco antes, certamente. As aulas começam nas horas redondas e eu não estava atrasado.

— Como você e Craig se davam?

— Muito bem. Nós nos dávamos muito bem.

— Vocês dois gostavam de filmes de ação. Costumavam se ver socialmente?

— De vez em quando, claro. Compareci ao casamento dele no ano passado. Quase todos os funcionários da escola foram. Tomamos chope juntos algumas vezes. — Encolheu os ombros. — Não éramos do tipo “melhores amigos”, mas nos dávamos bem. Mirri certamente o conhecia melhor, socialmente falando.

— Mirri?

— Mirri Hallywell, departamento de Inglês, professora de Teatro. Eles costumavam se ver fora do horário de aulas.

— Socialmente.

— Claro. — Ele sorriu novamente, mas com uma ponta de malícia. — Costumam se encontrar todas as quartas à noite. Para estudar.

Depois de encerradas as entrevistas iniciais, Eve ligou mais uma vez para Peabody.

— Bixley.

— Sim, Hernando M. Bixley, trabalha na manutenção. Consertou um problema de entupimento no banheiro dos meninos no outro lado do corredor, em frente à sala da vítima. Passou pelas duas testemunhas e por Dawson quando saiu do banheiro.

— Algo especial sobre ele?

— Não. 70 anos, trabalha aqui há 12. Seus dois netos são alunos da escola, beneficiados por uma bolsa para dependentes de funcionários. Parece um sujeito sério.

— E Hallywell?

— Mirri C. Hallywell. Acabei de conversar com ela faz uns quinze minutos. Departamento de Inglês, cuida do Clube de Teatro e dirige as peças da escola. Falta conversar só com uma pessoa da minha lista. Surgiu algo com Hallywell? Não ouvi nada diferente sobre ela.

— Quero que você pesquise mais. Se ela ainda estiver por aqui, vou procurá-la. Encontre-me depois que acabar.

— Ela estava muito abalada. Dê uma olhada em um dos lavatórios. Eu diria que ela estava precisando se recompor antes de voltar para casa.

Seguindo a dica, Eve tentou o banheiro das funcionárias que ficava mais perto da sala dos professores, onde Peabody conduzia as entrevistas. A porta exigia um cartão magnético. Eve usou seu cartão mestre.

Encontrou uma mulher sentada no chão diante da bancada das pias, chorando muito.

— Mirri Hallywell?

— Sim. Sim — Ela engoliu um soluço, fungou com força e enxugou o rosto com um lenço de papel. Sua cara estava borrada devido à crise de choro, e os olhos azuis-claros estavam muito vermelhos e inchados. Usava o cabelo escuro num corte *Caesar* brutalmente curto e havia pequenas argolas de prata em suas orelhas.

— Desculpe. A senhora é da polícia? Já conversei com uma detetive agora mesmo.

— Sim, minha parceira. Sou a tenente Dallas e preciso lhe perguntar mais algumas coisas.

— Ó, Deus, ó Deus, eu não sei mais o que fazer. Não sei o que dizer.

Eve se agachou junto dela.

— É duro quando um colega é assassinado assim, do nada.

— É horrível. Não éramos só colegas, éramos amigos. Bons amigos. Nada disso me parece possível.

— Bons amigos em que sentido?

Mirri deixou a cabeça tombar para trás.

— Isso é uma coisa terrível de se insinuar, algo terrível de se pensar de alguém como Craig. Uma pessoa que não pode mais se defender.

— Eu o defenderei agora. É isso que eu faço.

— Então, se a senhora pretende falar por ele, deveria saber que ele amava sua esposa. Eles se amavam muito. Invejo isso, o que eles tinham juntos. Sou amiga dela também. Sou amiga dela e não sei nem mesmo como *começar* a tentar ajudá-la a enfrentar isso.

— Você e Craig se viam todas as semanas, fora do trabalho.

— Sim, tínhamos encontros para estudar todas as quartas-feiras — Uma espécie de fogo surgiu em seus olhos enfurecidos. — Pelo amor de Deus, no fim das contas tudo se resume a isso para pessoas como a senhora?

— Se eram encontros inocentes, qual o motivo de você ficar tão indignada? — argumentou Eve.

— Porque ele está morto. Morto! — Estremeceu e soltou o ar dos pulmões lentamente. — Nós dois trabalhávamos juntos em nossa tese de mestrado. Costumávamos ir à biblioteca ou a uma cafeteria para estudar juntos por algumas horas. Às vezes tomávamos um chope depois. Vamos sair amanhã... Quer dizer, ó Deus, tínhamos combinado de sair amanhã para ir ao cinema. Craig, Lissy e um cara que eles me apresentaram. Detesto encontros arranjados, mas eles me convenceram a conhecê-lo no mês passado e até agora as coisas estão dando certo. Ia ser um encontro duplo, entende?

— Mirri, se andava rolando alguma coisa a mais entre você e Craig, esse é o momento certo para me contar.

— Não há nada para contar. Não estou tão desesperada a ponto de atacar um amigo. — Passou as mãos sobre o rosto. — Eu ia entrar em contato com Lissy, vim até aqui com o intuito de ligar para ela, embora todos tenham me dito que eu não deveria ligar para ninguém. Achei que precisava fazer isso por ela; Lissy precisa receber a notícia de uma amiga. Só que eu não consegui fazer isso.

Mirri encolheu os joelhos e encostou o rosto neles.

— Eu simplesmente não consegui — confessou. — Não sabia o que dizer, nem como dizer, e não tive coragem de tentar.

— É nossa função fazer isso.

— O que a senhora pode dizer? — quis saber Mirri. — O que pode dizer para alguém numa situação assim? Ela acha que ele estará lá quando ela chegar em casa, mas isso não vai acontecer. Nem essa noite nem nunca mais. O que a senhora pode dizer?

Ela suspirou fundo e forçou as costas para se colocar em pé.

— Não é sua culpa, tenente — completou. — Bem que eu gostaria que fosse. Gostaria que a culpa fosse sua e eu pudesse gritar e me descabelar na sua frente por causa disso. Por favor, avise à Lissy que... Será que a senhora poderia simplesmente dizer a ela o quanto eu sinto o que houve? Diga também que se eu puder ajudar, se eu puder fazer alguma coisa, *qualquer coisa* por ela, estarei ao seu lado.

Lissette Foster trabalhava como assistente em uma editora pequena que tinha escritório no centro da cidade. Os dados que Peabody acessara tinham informado que a jovem tinha vinte e quatro anos, nascera na Martinica e se mudara para Nova York a fim de estudar na Universidade de Columbia. A única mancha em sua ficha era uma prisão por embriaguez quando tinha dezenove anos. Fora colocada em liberdade e condenada a prestar serviços comunitários.

Sua mãe tinha ficado na Martinica. O paradeiro do seu pai era desconhecido.

— Por falar em ilhas paradisíacas — comentou Peabody —, como foram suas miniférias?

— Ótimas. — Uma semana de sol, areia e sexo. O que poderia ser melhor do que isso? — Essa neve toda estava começando a me irritar.

— Pois é, e estão esperando mais dez centímetros essa semana. Você está pensando seriamente na esposa?

— É a primeira da lista. As esposas geralmente são.

— Eu sei, mas recém-casados? É claro que costuma ser difícil no primeiro ano, com os ajustes, adaptações, coisa e tal, mas envenenamento? É forçar a barra demais. Quando uma esposa fica revoltada, a coisa geralmente é sangrenta e mais pessoal.

— Geralmente. Mas, se o almoço dele estava envenenado, de onde veio? O consenso é que veio de casa. Foi a esposa que teve acesso mais fácil. Esse mesmo consenso diz que a vítima deixou o almoço embalado dentro da sala. Uma sala destrancada. Chegou cedo, deixou suas coisas na sala e foi para a academia. Fácil possibilidade de acesso a qualquer um.

— Motivo?

— Além da prova-surpresa? Ainda não está claro. E Rayleen Straffo, uma das testemunhas?... Ela é fruto da semente de Oliver Straffo.

— Oh, merda! Tá falando sério? Ela tem chifres e rabo pontudo?

— Se tem, eles estão bem escondidos. — Eve bateu com os dedos no volante enquanto pensava em Oliver Straffo. — Ele poderá conseguir muito tempo de mídia bancando o pai zeloso. Indignado, preocupado, blá-blá-blá.

— Seria a cara dele. Você vai participar do novo programa de Nadine essa semana. Poderá rebater as declarações dele.

— Nem me lembre disso! Droga de amizades. Elas sempre custam caro.

— Você está muito molenga e sentimental, Dallas.

— Sim, adoro isso em mim. — Pensando na neve que caía e na insanidade dos motoristas novaiorquinos, Eve resolveu estacionar numa vaga que apareceu a dois quarteirões do endereço. — Não quero me arriscar a parar em fila dupla no meio dessa bosta de neve.

— O exercício me fará bem. Eu me enchi de comida durante as festas de fim de ano e espero que McNab me apareça com algo que tenha chocolate no Dia dos Namorados. Portanto, preciso perder peso por antecipação. O que você vai dar de presente para Roarke?

— Presente por quê?

— Pelo Dia dos Namorados!

— Mas eu acabei de comprar um presente de Natal para ele faz cinco minutos. — Eve saltou do carro e se lembrou do cachecol enfiado no bolso do casacão. Pegou a peça e a enrolou no pescoço de qualquer maneira.

— Isso já vai fazer dois meses, Dallas. Agora é o *Dia dos Namorados*. É para pessoas apaixonadas. Você tem de comprar um cartão meloso ou uma lembrança sentimental. Eu já comprei o presente de McNab. É um porta-retratos falante com nossos nomes gravados. Coloquei a foto de nós dois que o pai dele tirou no Natal. Ele pode colocar o presente no cubículo onde trabalha, na DDE. Roarke também gostaria de algo assim.

— Roarke já sabe como é a minha cara.

Um carro pequeno derrapou no sinal vermelho, quase subiu na calçada e recebeu xingamentos e

reclamações dos pedestres.

Eve adorava Nova York.

— Ah, por falar em fotos, tirei uma nova de Belle. Você foi vê-la quando voltou de viagem?

— Não. Ela já está fazendo tatuagens e colocando piercings?

— Qual é, Dallas! Ela é uma coisinha adorável. Tem os olhos de Leonardo, a boca de Mavis e...

— Deus nos ajude se ela herdar dos pais o gosto por moda.

— Ela sorri para mim toda vez que eu a pego no colo. — Por cima do cachecol e por baixo do gorro de lã, os olhos de Peabody pareceram derreter. — As pessoas dizem que não é riso, é contração da boca por causa de cólicas, mas ela sorri para mim, *eu sei*. Está ficando muito grande e sempre...

Enquanto Peabody cantarolava ao falar sobre a bebê de Mavis, Eve ouviu a música de Nova York. As buzinas desesperadas, as discussões de rua, o rugir dos dirigíveis de propaganda acima da cabeça. Em meio a tudo isso havia as vozes, a batucada das conversas em voz alta, a ladainha das reclamações

— E, então, o que você vai levar de presente para ela?

— O quê? Levar o quê? Para onde?

— Para Belle, Dallas, quando você for visitá-la. O presente!

— Que presente? — Bloqueada pela multidão, Eve parou na calçada. — Por que eu tenho de levar um presente?

— Porque sim!

— Quero saber o *motivo*. Eu já preparei um chá de bebê cheio de presentes e depois estava lá, no hospital. Isso não chega?

— Certo, mas agora você vai visitar o bebê em casa pela primeira vez. É tradição levar um...

— Quem inventa essas coisas? — Muito revoltada, Eve espetou o indicador no casacão de neve de Peabody, que mais parecia um *marshmallow*. — Eu exijo saber quem inventa essas regras. Isso é loucura. Diga-me quem é essa pessoa e eu marco uma avaliação psiquiátrica para ela.

— Ora, Dallas, basta comprar um ursinho de pelúcia para Belle ou um chocalho bonito. É divertido comprar coisas para bebês.

— Uma ova que é divertido! Você sabe o que é divertido? — Eve abriu a porta do prédio com força. — Descobrir quem envenenou o pobre coitado de um professor de História. Essa é a minha ideia de diversão. Se você me vier com mais papos sobre compras, presentes, bebês, cartões melosos ou Dia dos Namorados, eu vou dar um pontapé tão grande na sua bunda que você vai sentir a ponta do couro na boca e vai achar que é a sua língua!

— Puxa, uma semana na praia realmente açucarou seu gênio difícil... Senhora! — completou Peabody baixinho, enquanto Eve se livrara das pilhas de roupas extras que lhe cobriam a pele.

Virando-se para o balcão da segurança, exibiu o distintivo para o guarda.

— Quero ver Lissette Foster.

— Um minuto, por favor. — Ele conferiu o número do distintivo e a identidade de Eve com toda a

calma do mundo e muito cuidado. — Pronto, senhora, está liberada. Vamos ver agora... Lissette Foster... Foster, Foster. Ah, aqui está! Ela trabalha na editora Blackburn, é assistente editorial. Ahn... Fica no nono andar. Os elevadores ficam à sua direita. Eu lhe desejo um dia produtivo.

— Sim, pode apostar. Ela nasceu na Martinica — comentou Eve quando elas entraram no elevador e foram recebidas por música calma e melosa, própria para derreter cérebros. — Veio para cá com visto de estudante, provavelmente, ou visto de trabalho temporário. Mas conseguiria um green card por meio de casamento com um cidadão norte-americano. E poderia manter o visto de residência mesmo ficando viúva.

— Existem jeitos mais simples que assassinato para conseguir um green card.

— Eu sei. Mas talvez as coisas não estivessem dando certo e um divórcio em menos de dois anos cancela o green card. Pode ser que rolassem outras coisas naqueles encontros com Mirri Hallywell às quartas-feiras, além de estudo. E quem consegue emprego aqui quer continuar morando no país. Matar para conseguir isso não é uma ideia tão absurda.

Elas entraram numa pequena recepção onde uma mulher se sentava atrás de um balcão branco. Usava um headset e exibiu um imenso sorriso de boas-vindas.

— Bom-dia! — disse ela, com tanto entusiasmo que os olhos de Eve se estreitaram, desconfiados. — Sejam bem-vindas à editora Blackburn. Em que posso ajudá-las?

— Lissette Foster.

— Claro. Posso verificar se a sra. Foster está disponível. Posso perguntar quem deseja vê-la e qual a natureza de seu assunto?

Eve simplesmente exibiu o distintivo mais uma vez e informou:

— Explicaremos isso à sra. Foster.

— Oh. — Os olhos da mulher se arregalaram ao olhar para o distintivo. — Puxa vida! Desculpem. — Virou-se na cadeira e falou no microfone do headset em sussurros. — Lissette Foster. — Pigarreando, lançou um olhar fugidio para Eve. — Lissette, tem alguém aqui na recepção para vê-la. É uma *policia*... Não sei, ela não me disse. Tudo bem.

Com o sorriso amplo ainda grudado na cara, a recepcionista se voltou para Eve e disse:

— Ela está vindo. Se vocês desejarem sentar...

— Estamos bem em pé, obrigada.

Quando Eve acabou de se desvencilhar do cachecol, uma mulher apareceu na recepção pontuando o piso com os saltos altos dos seus sapatos. Só isso, para Eve, já indicava algum grau de insanidade. Os saltos eram vermelho cereja e o terninho de corte estreito era cinza pedra. Ali dentro estava um belo corpo.

Lissette Foster tinha uma pele luminosa, suas pálpebras eram pesadas e marcantes, e seus olhos castanho-claros, naquele momento, pareciam um pouco irritados. Seu cabelo tinha quase a mesma cor dos olhos e eram cortados retos até a altura dos ombros.

Ela se movia com determinação, analisou Eve. Como uma mulher com algum tipo de fogo interno. Aquilo podia ser resultado de raiva, ambição ou paixão, mas era forte.

— Vocês são da polícia? — quis saber Lissette, num tom brusco tornado exótico pelo sotaque francês.

— Sou a tenente Dallas e esta é a detetive Peabody. Nós...

— Ah, pelo amor de Deus! Eu avisei a ele que iria manter o som baixo. Pode me prender! — Com um gesto teatral, ela estendeu os braços com os punhos unidos. — Pode me prender por ouvir música depois do afrontoso horário de nove da noite num sábado. Eu devia ser arrastada pelas ruas presa por correntes! Só porque um tira aposentado tem *problemas*, isso não é motivo para mandar a polícia me procurar no trabalho. Será que ele quer que eu seja demitida?

— Sra. Foster, não viemos aqui por causa da sua música. Gostaríamos de conversar com a senhora em particular. Sua sala seria o lugar ideal.

— Sala? — Lissette deu uma gargalhada rouca e sexy. — Sou assistente editorial. Tenho sorte por ter um cubículo para trabalhar. Do que se trata?

Eve se virou para a mulher da recepção.

— Preciso de uma sala privada. Escritório, sala de reuniões, salão de convivência, não importa. E quero agora!

— Claro, claro! A sala de reuniões não foi agendada para hoje à tarde. Vocês podem...

— Ótimo! — Eve olhou para Lissette. — Vamos.

— Do que se trata? Tenho uma reunião com minha chefe daqui a... Minha Nossa, dez minutos! Ela odeia quando alguém se atrasa. Se a senhora acha que pode trazer alguma ideia para um livro para alguém do meu nível hierárquico, eu posso lhe assegurar que está perdendo tempo.

Ela seguiu em meio a um labirinto de cubículos e corredores estreitos; passou por salas com janelas pequenas e escritórios de esquina com vistas deslumbrantes.

— Escute, eu não deveria ter falado daquele jeito sobre o sargento Kowoski. Talvez a música estivesse muito alta, mesmo. Meu marido e eu devíamos estar brincando, fingindo dançar numa boate famosa. Provavelmente estávamos um pouco bêbados, com a música alta demais. Não quero nenhum tipo de problema.

Entrou em uma sala com cerca de doze cadeiras em torno de uma mesa larga, balcões compridos acompanhando cada parede e telões na parte da frente e na parte de trás do ambiente.

— Podemos resolver isso rápido? Eu realmente não quero me atrasar para a reunião.

— Gostaríamos que você se sentasse.

— Mas isso é ridículo! — Soprando o ar com força, agarrou uma cadeira e se sentou. De repente voltou a se erguer com um ar de alarme nos olhos. — Oh, Deus. Aconteceu alguma coisa com a minha mãe? Houve algum acidente? *Maman?*

— Não.

Como se diz a alguém que a pessoa que ela imagina que estará à espera dela em casa não virá essa

noite? Nem em nenhuma outra noite?, lembrou Eve. A solução é contar rápido, sem floreios.

— Viemos aqui por causa do seu marido, o sr. Foster.

— Craig? Ele ainda está na escola.

— Sinto muito lhe dizer isso, mas seu marido está morto.

— Que coisa horrível de se dizer a respeito de alguém. É cruel e terrível dizer uma coisa dessas.

Quero que vocês duas saiam daqui imediatamente. Vou ligar para a polícia... A polícia *de verdade*... Vou fazer com que sejam presas.

— Sra. Foster, minha parceira e eu somos a polícia de verdade e estamos investigando a morte do seu marido. Ele faleceu hoje, por volta de meio-dia e meia.

— Claro que não! Ele não morreu, que ideia! Estava na escola. Essa é a hora do seu almoço e ele me mandou um e-mail pouco depois do meio-dia. Eu mesma preparei o almoço dele hoje de manhã. Craig está na escola, numa reunião de professores, nesse exato momento. E está ótimo.

A respiração dela começou a ficar ofegante e falha. A cor do seu rosto desapareceu lentamente quando ela lançou uma das mãos para trás, a fim de se segurar na ponta da mesa, pois suas pernas começavam a enfraquecer.

— A senhora deveria se sentar, sra. Foster — sugeriu Peabody, com gentileza. — Sentimos imensamente pela sua perda.

— Não. Não! Foi bomba? Jogaram alguma bomba na escola? Oh, meu Deus. Ele se machucou? Craig está ferido?

— Ele morreu — disse Eve, com a voz sem expressão. — Eu sinto muito.

— Mas ele... Mas ele... Vocês podem estar enganadas, certo? Só podem estar! Vou ligar para ele e vocês vão ver. Vou ligar para ele. O problema é que ele está no meio da reunião das segundas-feiras. Não é permitido que ninguém permaneça com o *tele-link* ligado durante as reuniões de início de semana. Vamos até lá! — Ela forçou a se afastar da mesa, que ainda segurava com força, mas ficou tonta. — Vamos até a escola falar com Craig. Preciso pegar meu casaco. Vou só pegar o casaco.

Olhou em volta, aturdida.

— Ora, mas que tolice, sou uma tonta. Por um instante eu nem me dei conta de onde estava. Eu preciso pegar... O quê, mesmo?

— Sente-se, sra. Foster.

— Não, nós precisamos ir até lá. A escola. Temos que... — Quase deu um pulo ao ouvir alguém bater na porta. Uma loura vestida de vermelho entrou.

— Eu queria saber o que está acontecendo aqui. Lissette?

— Elizabeth. — Lissette estava com o olhar difuso dos sonâmbulos e dos sobreviventes. — Estou atrasada para a reunião?

— Peabody — Eve acenou com a cabeça na direção de Lissette e foi até onde a loura estava. — Quem é você?

— Elizabeth Blackburn. E quem, diabos, são vocês?

— Tenente Dallas, da polícia de Nova York. Acabei de informar a sra. Foster sobre a morte de seu marido.

— Ele... O quê? Craig? Oh, meu Jesus. Lissy!

Talvez tenha sido o apelido carinhoso ou o tom de dor embutido nele, mas o fato é que, quando Elizabeth caminhou a passos largos pela sala de reunião, Lissette simplesmente se deixou escorregar até o chão. Elizabeth se colocou de joelhos e ergueu a amiga.

— Craig. Meu Craig!

— Sinto muito. Lissy, oh, Lissy. Houve algum acidente? — exigiu saber, olhando para Eve.

— Precisamos conversar com a sra. Foster sobre as circunstâncias em que tudo aconteceu.

— Está certo, tudo bem. Minha sala fica à direita no fim do corredor. Vou levá-la para lá assim que ela conseguir se recuperar. Precisa de alguns minutos, pelo amor de Deus. Por favor, esperem em minha sala.

Elas deixaram Lissette nos braços da chefe. Houve alguns olhares de curiosidade vindos dos cubículos, mas nada de comentários até que elas chegaram ao escritório de esquina no fim do corredor. Foi nesse momento que uma morena baixinha enfiou a cabeça na porta, como um boneco de caixinha de surpresas.

— Desculpem, mas essa é a sala da sra. Blackburn.

— Sim, e foi ela mesma quem nos mandou esperar aqui. — Eve exibiu o distintivo. — Volte aos seus afazeres.

Dentro da sala havia uma estação de trabalho lustrosa, um sofá que parecia confortável e duas lindas poltronas. Um arranjo de flores belo e impressionante ficava sobre a mesa junto da janela que dava para o sul.

— Se ela fingiu aquela reação — começou Peabody —, tem um talento fantástico.

— Não é tão difícil fingir quando se tem prática. Mas eu concordo, a reação pareceu genuína. Saia daqui antes que elas cheguem e mande alguém lhe mostrar o cubículo onde ela trabalha. Quero saber o que ela tem lá.

— Deixe comigo.

Eve foi até as janelas e parou para analisar o que a chefe de Lissette tinha sobre a mesa. Uma foto emoldurada de uma menina no início da adolescência, um arquivo de discos, uma pilha de cubos de memória que formavam uma pirâmide e um arquivo que era, na verdade, a arte de capa de um disco.

Do lado de fora a neve continuava a cair sobre a cidade em flocos finos e constantes. Um bonde aéreo se arrastou em meio à paisagem carregando um monte de passageiros com cara de sofrimento.

Em termos pessoais, pensou, Eve preferia o tráfego terrível das ruas escorregadias lá de baixo.

Virou-se ao ver que Peabody já voltara.

— Não achei muita coisa, nem havia espaço. Arquivos, memorandos, anotações sobre o trabalho

atual. Ela tem uma bela foto do casamento com a vítima, num porta-retratos muito bonito. Aposto que foi presente de casamento. Também há fotos dele e dos dois juntos pregados na parede do cubículo. Ah, e uma pasta com anúncios e fotos tiradas de revistas de decoração. Só isso.

— Muito bem. Vamos lhe dar mais um minuto antes de voltar à sala de reuniões. Depois seguiremos para o necrotério. Quero saber exatamente o que matou Craig Foster.

Não levou nem um minuto e Lissette entrou, apoiada em Elizabeth Blackburn.

— Você vai se sentar aqui — disse-lhe Elizabeth. — E eu vou me sentar ao seu lado. Dei um tranquilizante para ela — avisou a Eve, e empinou o queixo com ar de desafio antes de Eve ter chance de falar alguma coisa. — Nem pense em reclamar disso comigo. Ela precisava de algo para se acalmar. É um calmante fraco, não vai impedi-la de conversar com a senhora.

— Você é a chefe dela ou sua representante legal?

— Sou o que ela precisar que eu seja no momento.

— A senhora tem certeza? — A voz de Lissette estava fraca, rouca, e exibia a terrível dor da esperança que se desvanecia. — Tem certeza absoluta de que não há engano? Foi realmente Craig?

Como conhecia seus pontos fortes, Peabody tomou a iniciativa. Foi até o sofá onde Lissette se sentara com Elizabeth e confirmou:

— Sinto muito. Não há engano algum.

— Mas... Ele nem estava doente. Submeteu-se a exames completos antes de nos casarmos. Era um homem saudável. As pessoas não morrem simplesmente desse modo. Foi alguém que o feriu? Houve algum acidente na escola?

— Ainda precisamos descobrir por que e como tudo aconteceu. Temos de lhe fazer algumas perguntas. Você poderá nos ajudar a descobrir mais coisas.

— Eu quero ajudar. Quero saber. Eu o amo.

— Vamos começar por hoje de manhã. Você disse que preparou o almoço dele.

— Exato. Eu sempre preparo. — Os olhos dela tremeram um pouco, mas logo se arregalaram, e ela esticou o braço para agarrar a mão de Peabody com força. — Havia alguma coisa errada com o sanduíche? Ele adorava aquela porcaria de substituto de carne de aves. Foi isso que o deixou doente? Oh, meu Deus.

— Ainda não temos certeza, sra. Foster. Apareceu alguém em seu apartamento hoje de manhã antes de o seu marido sair para trabalhar?

— Não. Ele sai muito cedo. Gosta de usar a academia montada na escola. Cuida muito bem de si mesmo. Ele se cuida. Nós costumamos nos cuidar. Elizabeth...

— Você está indo bem, querida. Quanto mais ainda falta, tenente? — quis saber Elizabeth.

— Seu marido tinha problemas com alguém da escola? — perguntou Eve.

— Craig? Não. Ele adorava o lugar.

— E quanto a relacionamentos antigos? Algum de vocês tinha problemas com antigas ligações

amorosas?

— Já morávamos juntos dois anos antes de nos casarmos. Sabe quando a pessoa conhece alguém e sabe que é a pessoa certa? Sua vida toda fica definida ali, nesse minuto. Foi isso que aconteceu conosco.

Eve deu um passo à frente e se sentou, fazendo com que seus olhos e os de Lissette ficassem no mesmo nível.

— Se você quer ajudar, precisa ser honesta e direta comigo. Absolutamente honesta. Ele jogava?

— Não, nem mesmo na loteria. Era muito cuidadoso com dinheiro.

— Usava drogas ilegais?

— Ela mordeu o lábio inferior.

— Ahn... Usamos zoner algumas vezes, na faculdade. — Seu olhar voou para Elizabeth.

— Quem não fez isso? — Elizabeth deu palmadinhas de consolo na mão dela.

— E recentemente?

— Não. — Lissette ergueu a cabeça diante da pergunta de Eve. — Em absoluto! Ele poderia ser demitido por usar qualquer substância ilegal em sua profissão. Além do mais, ele fazia questão de se colocar como um bom exemplo para os alunos.

— Vocês estavam tendo problemas financeiros?

— Nada sério. Quer dizer, nós precisávamos fazer um pouco de ginástica com o dinheiro às vezes, já que Craig planejava fazer economias. De vez em quando eu gastava mais do que devia, mas ele era tão cuidadoso com o dinheiro que as coisas acabavam se equilibrando. Ele economizava para poder comprar algumas coisas... Coisas importantes. Ele... Deu algumas aulas particulares no ano passado para ganhar alguns trocados a mais. Só que depois usou tudo para trazer minha mãe aqui para Nova York, no Natal. Sabia o quanto isso iria significar para mim, trabalhou dobrado, comprou um bilhete num ônibus especial e pagou por um hotel também, pois não tínhamos um quarto extra para ela se hospedar conosco. Fez tudo isso por mim. Jamais alguém vai me amar desse jeito. Ninguém poderia. Nunca mais na minha vida!

Quando viu que as lágrimas voltavam, Eve se levantou.

— Sinto muito pela sua perda e agradeço a sua cooperação nesse momento difícil. — Palavras baratas, pensou, mas eram as únicas em momentos como aquele. — Existe alguém com quem você gostaria que entrássemos em contato?

— Não, não... Oh, os pais de Craig! Preciso contar a eles. Como conseguirei fazer isso?

— Podemos cuidar disso por você.

— Não, eu preciso fazer isso. Sou a esposa de Craig, tenho de fazê-lo. — Ela se levantou, trêmula. — Tenho de vê-lo. Não sei onde ele está.

— Craig está com o médico legista, no momento. Entrarei em contato com você assim que ele estiver liberado. Você tem alguém que possa acompanhá-la até lá?

— Eu irei com ela. Nem pense em recusar, Lissy, eu vou com você — insistiu Elizabeth, quando Lissette teve uma nova crise de choro e balançou a cabeça para os lados. — Fique sentadinha aqui

enquanto eu acompanho a tenente Dallas e a detetive Peabody até a porta. Fique aqui que eu volto já.

Ela se movimentou depressa e com determinação, sem parar até alcançar uma encruzilhada no labirinto de corredores.

— Como é que Craig foi assassinado?

— Eu não disse que ele foi assassinado.

Elizabeth se virou e olhou fixamente para Eve.

— Sei quem a senhora é. Acompanho tudo que acontece em Nova York. Tenente Eve Dallas, Divisão de Homicídios.

— Não tenho nenhuma informação para lhe repassar no momento. A morte do sr. Foster está sob investigação.

— Isso é papo-furado, tudo mentira. Aquela garota acaba de perder o amor da sua vida. Assim, do nada! — Elizabeth estalou os dedos. — Ela precisa de respostas.

— E as terá, assim que eu as tiver. Você o conhecia muito bem?

— Encontrei Craig algumas vezes. Ele aparecia aqui de vez em quando e Lissy sempre o levava como acompanhante em festas e eventos. Um rapaz doce e educado. Estavam loucamente apaixonados. Era brilhante. Ele me parecia tão brilhante em sua área de atuação quanto Lizzy. Dois jovens brilhantes que estavam apenas começando suas vidas e suas carreiras. A senhora também é brilhante, a julgar por tudo que eu já li, ouvi e vi a seu respeito. Consiga essas respostas para Lissy. Consiga alguma coisa na qual ela possa se agarrar.

— Esse é o meu plano.